

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE JULHO DE 1916

ANO I—N.º 2

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1.400 SEMESTRE... 650
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA



O FUTURO DE LAGOS E O TURISMO

LAGOS, a formosa bahia onde tantas vezes tem evolucionado a esquadra ingleza, tem, n'um futuro mais ou menos proximo, um papel importante a desempenhar.

Devido ás suas excellentes condições naturaes, e á sua esplendida situação na entrada do Mediterraneo, não será exagero prophetisar-lhe um futuro de grande importancia.

Cadiz, o reclamado e infeliz porto espanhol, terá que sofrer em breve grande golpe, se o governo portuguez dotar Lagos com as necessarias condições para ser um porto de escala da grande navegação transatlantica. Não é preciso porem construir ali docas nem caes acostaveis para atrair os grandes vapores, que do Mediterraneo se dirigem á America do Norte, ao Brazil e Rio da Prata. Bastará

que o governo ali estabeleça ou facilite o estabelecimento de um deposito de carvão, e torne gratuito, para vapores de passageiros de mais de 5.000 toneladas, todos os serviços do porto, como seja pilotagem e mais depezas



LAGOS
UM TRECHO DA BAHIA

a que estão sугeitos os vapores. Outro melhoramento indispensavel é um bom hotel, mas conforme já dissémos no numero passado, ha já uma empresa constituída para a sua feitura e exploração. Toda a gente sabe, que os grandes

vapores da Wit-Star e da Cunard, que fazem a carreira entre a Italia e Nova York, não tocam no porto de Lisboa devido á perda de muitas horas, senão dias, com o afastamento da derrota, acontecendo outro tanto ás linhas directas do norte da Europa.

A muito custo, conseguimos por ocasião do Congresso de Turismo em 1911, que os vapores do Fabre Line, viessem a Lisboa, e mesmo assim subsidiados pelo nosso governo. Linha essa bem secundaria, pois os vapores da citada companhia, são quasi uns escaleres dos grandes vapores *Olympic*, *Imperator*, etc, que fazem as carreiras directas entre a Europa e a America.

Pouco tempo depois a Companhia Cunard mandou os seus vapores a Lisboa mas o movimento do nosso porto não justificava a perda de tempo, sendo obrigada a desistir, como já pelo mesmo motivo os vapores da *Compagnie des Transports Maritimes*, de Marselha, tinham deixado de vir a Lisboa na sua viagem de Marselha á America do Sul.

Não devemos alimentar a esperança de um dia ver em Lisboa os grandes vapores das linhas, Mediterraneo-America do Norte, e ainda menos os que do norte da Europa, porque estes ainda perderiam

mais tempo com a vinda ao nosso porto.

E' tambem uma utopia pensar em fazer de Lisboa o ponto de passagem da America do Norte para Paris, pois a sua situação geographica nunca o poderia permitir. Mas não quer dizer que ponhamos de parte a aproximação da America por enormes vapores, antes pelo contrario, pois a escala de taes carreiras vem trazer consideraveis beneficios ao nosso paiz.

Todos os dias veem á Europa, paquetes a abarrotar de passageiros vindos da America, uns a tratar de negocios, outros a divertir-se e outros a não fazer coisa nenhuma. Essa enorme corrente de passageiros, tem é claro como objectivo, Paris, Londres, etc., espalhando-se tambem uma grande parte pela Italia, pela Suissa, etc. Podendo porem contar-se os que divagam por Portugal e pela Hespanha.

E qual é a razão d'esse afastamento?

A falta de bons meios de transporte que os trouxesse á Peninsula.

Ora uma vez que não podemos fazer tocar em Lisboa esses grandes paquetes, pelos motivos apontados, demos-lhe facilidades para tocar em Lagos, pois passando-lhe á porta, em nada os prejudicava a demora de algumas horas, largamente compensadas com o abastecimento de carvão, generos frescos, etc.

Poderiamos dar a esses vapores alguma carga algarvia, com destino á America? Certamente; e seria um factor de progresso para o Algarve, que assim veria realisado o seu desejo de colocar na America do Norte os seus deliciosos productos agricolas.

Lagos, com a sua admiravel bahia seria o porto natural de exportação algarvia, para o que devia concorrer o estar em breve ligado com todo o litoral e as terras importantes da provincia pela viação acelerada.

Com a construcção, d'aqui a pouco concluida, da linha do Vale do Sado, e do ramal de Portimão a Lagos, fica o importante porto de mar ligado a Lisboa por uma linha directa que um comboio rapido pode percorrer em 7 horas, e com a conclusão da linha hespanhola de Ayamonte a Huelva fica Lagos ligado com Sevilha e Madrid, podendo fazer-se um comboio expresso a Sevilha em 5 a 7 horas, e consequentemente ligado a Madrid aos rapidos já existentes, ficando Lagos distante da capital visinha apenas por 16 a 17 horas.

Será uma utopia supôr n'um futuro mais ou menos proximo, Lagos um grande porto de mar, ligado rapidamente a Lisboa e Madrid por comboios expressos, parece-me que não.

Quando se estabeleceu o *Sud Express* Lisboa-Paris por Madrid, 3 vezes por semana, ninguem supoz que em tão curto periodo de tempo, esse serviço desligar-se-hia, da capital hespanhola para se fazer diariamente, com a lotação completa, e ainda circulariam mais dois comboios expressos, com importante frequencia.

Dê-se pois a Lagos os melhoramentos de que carece, e facilite-se o mais possivel a vinda ali de vapores de passageiros, que em breve essa frequencia se acentuará rapidamente, com grande proveito ds turismo nacional e do commercio algarvio.

Veja-se a Madeira, muitos vapores tocavam ali, mais para mostrar aos passageiros a beleza da Ilha, que para o proveito que dava a escala.

Depois essa concorrência acentuouse de tal maneira que os passageiros

ficavam lá de um vapor para o outro, gosando as delicias da rainha do oceano.

As companhias de vapores com tão generosa concessão fez uma grande propaganda da Madeira, que se tornou num grande factor para o commercio local.

Poderá augurar-se outro tanto para Lagos?

Creio que sim. Se o passageiro americano, curioso e amante de paisagens e costumes, lhe fosse permitido ficar em Lagos, até ao proximo paquete, certamente jornadiaria pela nossa terra deixando o seu ouro ás mãos cheias por toda a parte.

Tratemos pois com afinco das nossas excelentes condições naturaes, que o seu resultado será largamente compensador.

GUERRA MAIO.

A INDUSTRIA DO TURISMO

DURANTE os anos que exerci o cargo de redactor principal do Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal, e não foram poucos, tive ensejo de poder apreciar quantas são as boas vontades empenhadas (não só no seio d'essa agremiação sobremaneira prestimosa, como em diversos pontos do paiz) no desenvolvimento da industria do turismo, por certo uma das mais cultivadas lá fóra, e entre nós ainda incipiente, mau grado os patrióticos esforços empregados para o seu inicio e para que, feito aquele, se desenvolva e prospere como é justo, dadas as condições, por assim dizer excepcionaes e mesmo, até certo ponto, privilegiadas, do torrão portuguez.

Entre as muitas opiniões recolhidas então nas columnas dos diversos orgãos da imprensa jornalística, todas aplaudindo a gestão da Propaganda de Portugal, uma appareceu que por certo atrahiu particularmente a minha atenção de observador, á qual nunca será demais aludir de novo n'esta revista, que ao turismo é dedicada, e para cuja colaboração eu tive a honra de ser amabilissimamente solicitado, a despeito dos meus aliás bem limitados meritos e escassa competencia.

Aludindo, de um modo geral, á importantissima soma de lucros que a industria de turismo produz em diversos dos principaes paizes da Europa, e contando como, á força de nos dizerem que ela realisa os mais importantes e tentadores resultados, bem como que raros são os paizes disfrutando a esplendida situação do nosso para a exercer e explorar, asseverava

— e é um facto incontroverso — que se todos nos sentimos de acordo na ideia de arrecadar os largos proventos de seus réditos, que tanta falta nos fazem, parece, todavia, que não queremos fazer mais nada senão preparar a bolsa para os recolher, como se fosse possivel realizar uma boa colheita sem a previa sementeira, e esta sem o conveniente e adequado arroteamento do terreno.

E o intelligente camarada que abor-dara o interessantissimo assumpto, proseguia dizendo haver-nos a natureza dotado esplendorosamente, tendo nós, porém, deixado ficar as perolas no fundo das aguas e não impedindo que a terra fosse sepultando os thesouros que nos foram tão prodigamente distribuidos. Com efeito, nós deitamos tudo a um criminoso abandono até que cahimos na miseria, e todavia a valorisação das nossas naturaes riquezas de pouco mais precisava do que de um trabalho intelligente e cuidadoso, servido pelos progressos da sciencia e da arte; mas sómente ha pouco se começou a pensar n'isso mais a sério.

Havemos de convir, realmente, em que foi uma demasiada indolencia, tão impropria do nosso feito meridional, uma devéras criminoso indiferença pelos nossos mais caros interesses, esse desleixo, essa inercia, em face da prodigiosa actividade dos outros povos que não dispõem dos elementos que nós reunimos e que tão bem nos podiam servir para encher de seiva o depauperado organismo do nosso corpo social.

E' certo que não obstante ver-mos

o que se passa no mundo, nem sequer applicamos as nossas nativas faculdades imitativas, procurando traduzir para portuguez a grande soma de conhecimentos praticos que tanto tem beneficiado povos bem mais escassamente dotados.

Esta nossa terra, mercê de uma propaganda a que nos temos mostrando quasi completamente alheios, é apontada a toda a gente, por quem sabe ver e sabe o que diz, como sendo um dos mais lindos cantos do mundo.

Com uma ponta de pessimismo, amargo é certo, mas, n'este ponto perfeitamente justificado, aduzia que por não estar em nossas mãos conservar a amenidade do clima e as belezas da paisagem, o brilho intenso do sol que nos ilumina e a linda coloração do céu que nos cobre, tudo o que nos educou o gosto e gerou os costumes, que nos deu as doçuras do caracter e a brandura da nossa indole, que nos ensinou a pintar os typicos vestuarios com as tintas de iriadas flores e nos inspirou as trovas populares em que ha a alegria do trinar das aves e a suave melancolia do arroio por entre os sinceiraes: tudo isso que temos sem o saber-mos apreciar nem utilizar devidamente, tudo existe e existirá porque para existir não precisa da nossa actividade, dos nossos cuidados, ou do nosso zelo, porque se d'elles precisasse já teria desaparecido.

Pode não concordar-se, em geral, com a argumentação, mas não ha duvida em que os factos conhecidos, bem deploravelmente a fundamentam.

O que possuímos por simples e gracioso dom da Natureza, é muito, e é bom, mas não basta, com effeito, a determinar, nas circumstancias normaes, que não são infelizmente as da hora actual, uma forte corrente de população fluctuante como é aquella que podemos e devemos tratar de atrahir.

O que nos falta, pois? Convencer-mo-nos de que o turista, levado a viajar por gosto dominante ou por necessidade de espirito, por muito que admire as grandes obras de arte ou as opulencias da Natureza, não dispensa os esplendores da Civilização e as conquistas do Progresso, sem que, n'este caso restricto, se tomem taes affirmações como méras figuras de retórica. Quer encontrar nos paizes que visita e nas regiões mais ou menos interessantes que percorre, o maximo de conforto e de comodidades: bons caminhos para trilhar e bons hotéis para restaurar as forças gastas e para lhe proporcionarem socegado repouso.

Infelizmente, na maior parte dos casos, é isto o que nos falta, e é isto o que todos devemos procurar obter para oferecer-mos aos que amanhã, quando feita a tão desejada paz da Europa, nos visitarem atrahidos pela propaganda feita em prol das belezas naturaes, de primeira ordem, que possuímos.

Todos os esforços empregados n'este sentido são sobremaneira patrióticos, edignos de todo o incitamento e louvor.

ALBERTO BESSA

A CASA PORTUGUEZA

O sr. João Quiterio n'uma atenciosa carta pede-nos para publicar na integra uma exposição sobre a Casa Portuguesa que ele enviou á Sociedade de Propaganda de Portugal, e na qual lastima termos abandonada a construção classicamente portugueza ao deselegante *chalet* de importação estrangeira.

Sentimos não poder satisfazer os desejos do sr. Quiterio, pois a publicação de tão extensas quanto interessantes considerações, só a nosso ver, devem ser publicadas no boletim de aquella prestimosa colectividade.

Como é porém um assunto que nos interessa sobremaneira, pois para ele ha muito lançamos as nossas vistas, vamos fazer umas ligeiras considerações, reservando-nos para mais tarde o tratar a fundo tão importante assumpto.

Diz o nosso estimavel dirigente na sua exposição:

«Na verdade, muito teria o paiz a lucrar se um dia abandonassemos este feitio de imitarmos tudo o que se faz, vê e usa no estrangeiro.

A monomania da construção de chalés, por exemplo, participa d'esse enorme defeito. Esses monstrozinhos, que não tem razão de ser no nosso solo e populam por toda a parte, sem respeito algum pelo bom gosto e pela estetica, causam-me tédio e desdem; monotomos, ridiculos e pretenciosos, tendo um ar de que estão em casa alheia, parece que habita n'elles a melancolia e o desconforto.

Por mais que queira reagir, o meu temperamento não os tolera. E tendem a multiplicar-se, se não se lhe acode. Para admirar seria que assim não fosse—se o mau gosto medra como erva ruim.

Em compensação, não me enfado nunca contemplar algumas casinhas construidas com todas as caracteristicas do solar portuguez, em Cintra, Cascais, Da fundão, Ama-

dora, etc., ainda em pequenino numero, infelizmente. Eu não conheço coisa mais bonita, mais confortavel e mais risonha.

Gostaria que os estrangeiros que nos visitam levassem uma boa impressão a respeito das nossas construções urbanas. Mas, creio que não a levam porque são detestaveis, excepções á parte, é claro. Umas são copia do que lá por fóra existe outras, invenção de architectos de fancaria; e assim, o que tem que admirar é uma coisa que não oferece novidade nem apresenta originalidade.

Ha lá coisa mais bonita, mais alegre, mais garrida que a casa portugueza antiga, com os seus beirais, com os seus alpendres, com os seus terraços, com as suas janelas verdes:

Infelizmente esse mau gosto já se vai espalhando por essas provincias fóra, mercê dos homens de dinheiro, prosaicos, commerciaes e sem gosto; como é triste, decaedente e pavoroso! Meus ricos solares, minhas ricas quintas de outros outros tempos, como eu vos quero! como eu namoro aquellas que porventura escaparam á furia do camartelo chamado «progresso»!

Tem razão, o nosso desleixo criminoso que assiste a todos os actos da vida nacional, está tão normalizado que difficilmente terá remedio.

Em todas as nossas coisas entra a importação, já Eça de Queiroz dizia que nós importavamos tudo, até ideias.

Ramalho Ortigão tambem se queixava armagamente da nossa desnacionalisação manifesto, mas com toda a prosa brilhante do seu profundo talento, pouco fez em prol da nacionalisação das nossas coisas.

Dizia Ramalho, que quem quizesse dar uma nota de arte e bom gosto nas casas dos arredores de Lisboa, bastava que as pintasse de cinzento, pondo-lhe janelas venezianas pintadas de verde; ou fizesse vestir as paredes de trepadeiras silvestres.

Mas nem isto se fez.

Mais patriotas tem sido os nossos vizinhos hespanhoes, que tem derramado pelas suas praias, pelas ampliações das suas cidades e vilas a sua tradicional casa com os seus pateos, balcões e janelas de taboinhas.

Não permite o espaço, alongar-nos em considerações sobre o assumpto, mas em breve nos ocuparemos da Casa Portuguesa, que agora começa a resurgir, não só nas nossas praias, estancias de verão, como nas estações de caminhos de ferro, que a Companhia Portuguesa está fazendo, n'um louvavel intuito patriótico.

PRÓ-TURISMO

COIMBRA
A UNIVERSIDADE

PELO extraordinário agrado com que foi recebido entre os nossos leitores, o extracto feito a uma parte da fulgurantíssima conferência realçada, em honra de Portugal e das suas belezas, pela distincta escriptora brasileira Ex.^{ma} Sr.^a D. Julia Lopes d'Almeida, extracto que tive-mos a felicidade de poder publicar no nosso primeiro numero, entendemos que será também agradavelmente acolhido o novo extracto que d'outra parte da famosa conferência vamos hoje inserir.

Ocupa-se de diversas e distinctas regiões portuguezas, bem dignas da demorada visita dos turistas de qual-quer parte do mundo.

Esse novo extracto é como segue:

BUSSACO FLORESTA
SAGRADA, DIVINA,
ESPIRITUAL...

Perguntando um dia, alguém ao poeta Guerra Junqueiro — o que mais lhe agradava em Portugal respondeu:

«O que prefiro? O Bussaco e as praias do sul. A floresta e o mar são as aproximações do infinito. A floresta é uma oração; o mar uma grande meste de ondas. O Bussaco é como as antigas florestas cheias de religiosidade. Nem as aves cantam. Uma mudez augusta eleva as almas e as reintegra na natureza. E' por isso que o Bussaco é uma floresta sagrada, divina, espiritual. Paizagem para um

santo, para uma grande alma contemplativa cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis.

Como o poeta, também eu me senti sobre aquelas ramadas pacificadoras, como que revestida de um habito de monje.

Mas esse espirito de suavidade mystica não é creado exclusivamente pela sombra azul dos cedros, nem pelos soluços das fontes escondidas na hera tufoza, é também infiltrado pelas braças do cruzeiro do alto, pelas capelas e as celas dos ermitões, esparsas em varios sitios da mata e por cujas pedras a terra bonina se afoita e cresce. Por mais prodigiosa e linda que seja a natureza, ela não tem para ninguém uma voz supramanente eloquente e sugestiva se não guardar no seu seio a idéa de uma convivencia ou de um pensamento humano.

Realmente n'aquella selva, em que Dante reponsaria a imaginação dolorosa e onde hoje existe um dos hotéis mais lindos da Europa, de construção manuelina e galerias de azulejos historicos do fino artista Jorge Colaço, o ar é tão puro, que os proprios jumentinhos que sobem a serra ao peso dos *touristes* profanos, tem assim como que uma expressão beatifica, parente d'aquella que deveria ter tido o ancestral que levou ao Egypto Nossa Senhora e

diçado D. Pedro V, ouvi as sonoridades ao mesmo tempo que errava passos abortos sobre os seus telhados sem fim; tui ao de Alcobaça, em que a linda Ignez dorme o seu somno eterno em um maravilhoso jazigo junto ao do amado Pedro. N'essa manhã alguém

BUSSACO
PALACIO HOTEL

tinha deposto sobre a estatua jacente da amante legendaria, bem no lugar do coração, um formoso molho de rosas cõr de sangue vivo; e aquellas flores ainda orvalhadas e vibrantes pu-

seu bemdito Fi- QUELUZ
lho... FACHADA E LAGO DO PALACIO

Eu fiz uma peregrinação suave por alguns mosteiros velhos de Portugal. Fui ao de Mafra, de cujos bronzes famosos, do desper-

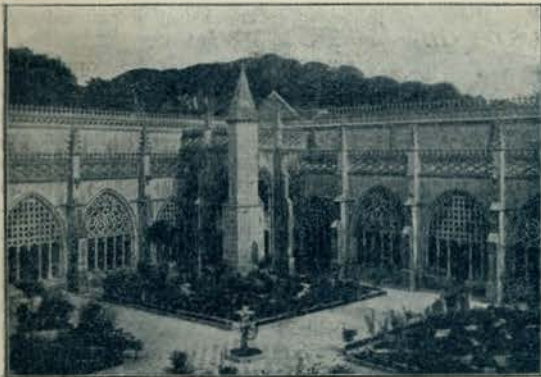
nham uma nota de paixão e de vida na brancura patinada da pedra fria.

Fôra o tributo de uma viajante inge- gleza. Sob a algidez da sua aparen-

cia as Inglezas têm uma sentimentalidade muito profunda e singular. Não era a primeira que ia depôr flores sobre o túmulo de Ignez de Castro.

Também ou levei rosas a um túmulo de Portugal; não por certo ao da mulher amorosa e desgraçada, mas ao do Poeta amado que sob a abobada do Mosteiro dos Jeronymos tem a sua figura reproduzida do mármore puro das consagrações. E ao redor do seu jazigo e da sua imagem impassível vi rolarem lagrimas de olhos moços e sonhadores, aos quaes os «Lusiadas» abriram as portas de ouro da Poesia e da Arte!

Do convento de Alcobaça, que linda viagem para o famoso mosteiro da Batalha! Que estradas macias marginais de cardos rasteiros abertos em grandes flores purpúreas ou flavas! E como se saracoteavam por esses caminhos as camponesas garridas levando para a feira de Leiria as suas preciosidades! E n'essa cidade pequenina, que o rio Liz lambe n'uma doce curva, que scenas tão portuguezas, tão coloridas e graciosas se estão a ofe-



BATALHA — O CLAUSTRO

recer para uma reprodução de Souza Pinto ao de José Malhão.

Esse parentese risonho, essa alegria aldeã e sadia entre as doçuras evocativas dos grandes claustros de Monteiro de Alcobaça, e a surpreendente beleza do da Batalha dá ao espirito um repouso sem atonia, um contraste que antes o leva a penetrar com mais fina acuidade as belezas artisticas do tempo famoso e inacabado. Erigido n'um vale melancólico, afastado dos centros populosos, o Mosteiro da Batalha só é visitado pelos peregrinos das cousas de arte.

**PAIZ DE REMINISCENCIAS
EM QUE A POESIA RESCENDE
COMO UM ROSEIRAL...**

E não faltam em todo Portugal pedras que falem e nos transmitam á

alma expressões de epochas que a vovagem do tempo absorveu no seu redemoinho implacavel. Os seus castelos as suas terras, os seus velhos solares brazonados ou de adufas e balcões historicos, os seus cruzeiros solitarios, as suas pontes romanas, matizam esse paiz de reminiscencias espirituaes, em que a poesia rescende, como um roseiral. Nenhum apparecia mais suave abrigo, a quem fatigado de luctas intellectuaes, pudesse de vez em quando repousar em uma das suas aldeias, simples e sãs, para n'elas beber frescura e paz de espirito...

Nós Brazileiros, mal conhecemos de Portugal o caes de Lisboa em que desembarcamos com os minutos contados, em transitio para a França. A's vezes estendemos um pouco mais a nossa curiosidade passando pelas ruas circumvizinhas, indo saborear ás confeitarias os famosissimos doces e balas de que as freiras deixaram o segredo aos inegalaveis confeitadores de Lisboa, ou vamos quando muito até ao Estoril, sempre a olhar para o relógio, na preocupação fastidiosa de não perdermos a hora do reembarcamento...

A culpa não é nossa. A culpa é do proprio Portugal, que não espalha pelo mundo, como fazem as outras nações, a magia das suas paizagens, tão variadas e lindas; das suas thermas admiraveis; das suas variadissimas aguas medicinaes; das praias encantadoras, cada qual mais pitoresca, e mais interessadte, mais portugueza; da sua vida campezina inegalavel e do seu clima saluberrimo.

A culpa é dos escriptores portuguezes, que não se cançam de escrever da sua terra, mesmo quando o fazem para o Brasil, cousas que, em vez de a tornarem atrahente á nossa imaginação, a despem de toda a curiosidade. A fermentação das suas paixões politicas, a visão de erros que naturalmente, e talvez patrioticamente, os irrita, que não remedeiam pela sua acção directa ou indirecta, mas de que

se queixam acerbamente a quem não lhes pode acudir, reflectem sobre esse delicioso cantinho europeu uma especie de tédio que o torna desinteres-



CINTRA — PALACIO DA PENA

sante aos olhos estrangeiros. E é talvez por isso que, relativamente, poucos dos que viajam, e chegam mesmo a pôr em contacto a sola dos seus sapatos com o pavimento do Caes do Sodré, conhecem essa joia a dois passos de Lisboa e que mereceria só por si uma viagem a Portugal. Não é preciso ser-se poeta para se comprehender o extase com que Lord Byron a contemplou.

Ali a natureza e a arte se entrelaçam e beijam no recorte airoso da montanha coroada pela pedraria do derrocado castelo dos Mouros; na polychromia das suas grandes matas cheirosas e verdejantes, de que emerge airoso e lindo o castelo da Pena; nos recantos solitarios e deliciosos das suas quintas; no espelhamento dos seus lagos; e no murmuro das suas aguas finas e nas tradições historicas do seu Paço cheio de curiosidades e de motivos artisticos e interessantes. A poesia serena das estradas de Cintra, sobre que as arvores estendem os braços nodosos, é tamanha que penetra fundamentalmente n'alma, mesmo de quem leve no pensamento e nos olhos a expressão apothetica de austera natureza mais sumptuosa e mais ardente.



AS AGUAS DO MONDEGO
TEM VOZES RIMADAS...

Depois da poesia de Cintra—a poesia de Coimbra, de que se diz que as aguas do Mondego tem vozes rimadas e que as noites de lua cheia, derramam uma claridade mais intensa e mais lyrica do que em outro qualquer ponto da península. Em verdade não sei, mas o que posso afirmar, por experiencia própria, é que uma noite no Choupal, em que se ouçam guitarradas depois de se ter ouvido cantar o rouxinol, fica para sempre espelhando na alma uma blandícia, um sonho em que a mais saudosa das musicas se represente e divinisa... Falar de Portugal sem falar do rouxinol e dos pinheiros seria o mesmo que falar do Brasil sem citar o sabiá e a pal-

meira! E Coimbra se não é a terra de pinheiros é com certeza a do rouxinol.

Talvez não haja em toda a Europa uma cidade universitaria tão característica nem mais seductora. Os milhares de adolescentes e de moços que por ali tem passado comunicaram aos proprios lagedos antiquissimos de pateos e ruas velhas um sentimento de idyllo romantico, de idyllo de juventude!

Além dos seus fados, das suas lendas e das suas tricanas; além das suas areias de prata, dos seus choupos escuros, do seu rio anilado por onde descem serenatas em noitadas amorosas; além dos seus penedos de lindo nome—da Meditação—da Saudade—e dos seus salgueirais, além da sua famosa Universidade e Bibliotheca ce-

lebre e das suas igrejas seculares, Coimbra tem ainda a acenar á curiosidade estrangeira belas coleções de arte, uma Escola Infantil que é—um sorriso—e a imagem em madeira da Rainha Santa talhada pelo extraordinario—porque não hei de dizer? pelo sublime escultor—Teixeira Lopes.

Em Villa Nova de Gaya, no atelier d'esse artista, em que o genio da raça se evidencia da maneira a mais expressiva e a mais notavel tive uma das maiores comoções artisticas da minha vida, contemplando na propria officina de criação—e que formosa officina!—esculpturas em que premia ainda a febre da execução do grande mestre.

JULIA LOPES D'ALMEIDA

ARTE E LITERATURA

BALADA OUTOMNAL

DE AUGUSTO GIL

*Palidasinha d'olhos maguados
E rosto exangue, côr de marfim,
Que estranhas dores, que ideias tombados
Palidasinha d'olhos maguados
Te envelheceram tam cedo assim?*

*Palidasinha d'olhos maguados
Que conjecturas teu rosto dá...
Tiveste amores mal compensados
Palidasinha d'olhos maguados?
Morreu-te o noivo? Quem sabe lá...*

*Palidasinha d'olhos maguados
E olheiras roxas como violetas
Onde os tu poisas, poisam cuidados,
Palidasinha d'olhos maguados.
Se encaras homens, ficam poetas...*

*Palidasinha d'olhos maguados
A morte augmenta, alarga a escolha
De corpos nubes, inviolados,
Palidasinha d'olhos maguados,
No fim do outomno, ao cahir da folha...*

*Palidasinha d'olhos maguados
E de vinte annos, que não tens mais,
Conta-te a morte entre os convidados,
Palidasinha d'olhos maguados,
Nos paços d'ela que são covaes...*

*Palidasinha d'olhos maguados
Fica no mundo, não queiras ir...
Secam os lirios pelos eirados,
Palidasinha d'olhos maguados,
E a primavera torna-os a abrir...*

*Palidasinha d'olhos maguados
Sacode as maguas do coração.
Esquece os dias atormentados,
Palidasinha d'olhos maguados,
Que atrás de tempos, tempos virão*

*Palidasinha d'olhos maguados
A vida é bela. Linda és também.
E se morreres, anos passados,
Palidasinha d'olhos maguados,
Hade esquecer-te a tua propria mãe...*

A DEUSA DAS AVES

DE GAMO

CHAMAVAM-LHE a Deusa das Aves e a rainha das flores. A sua figura insinuante, com toda a graça dos seus 12 anos, encantava toda a gente d'aquella pequena terra, que, debruçada sobre o rio ligeiro que corria a seus pés, dominava um extenso vale de salgueiros e milharaes.

Todas as aves eram suas amigas; todas as flores, desde a singela e humilde papoila ao cardo mais agreste, a conheciam e se sentiam felizes quando a sua mão pequenina as colhia e as levava a enfeitar o seu quarto ou o altar da Senhora dos Afflictos, sua madrinha.

Quando creança, nas suas correrias pelos trigaeos maduros, se os seus pés pequeninos pisavam algum ninho de

cotovia assente no chão, ela, com um carinho de mãe, afagava os pobres passaritos, enchendo-os de beijos e deixando-os depois ficar no concheço do ninho, lamentando ser ele tão humilde e estar assim abandonado á chuva e ao sol ardente.

Quando passava pelos caminhos, de silveiras em flôr, as boas aves, pousando de ramo em ramo, acompanhavam-na n'um doído chilrear, até á sua moradia, que no alto do povoado dominava pela sua brancura de neve.

Às vezes os passaritos, aos primeiros alvares da madrugada, vinham á janela despertal-a; ela corria a agradecer-lhes, enquanto os cravos da varanda, a desabrochar, lhe davam tambem os bons dias.

O sobrinho da Morgada, um bruto, um animal, um dia, quando ela passava com o seu molho de papoilas, ofereceu-lhe um rouxinol que á traição roubara do ninho, e dirigiu-lhe um galanteio rude e bestial. Ela não o ouviu, mas aceitou o passarito, para logo o deixar fugir.

N'uma manhã cheia de sol, o sino da freguezia tocava n'uma alegria nupcial; ela ia casar, os passarinhos cantavam tambem alegremente, as flores tinham deixado os campos, para encher o seu caixão.

Tinha morrido! Ia casar com os anjos, companheiros leaes da sua infancia; o seu corpo ia servir de pasto ás roseiras do pequeno cemiterio.

Tempo passou. As flôres murcharam, as aves deixaram de cantar, o vale vestiu-se de luto. Só o rouxinol, n'uma balada de agonia, ia ás noites, entre os loureiras, carpir saudades sobre o seu coval.

PAISAGENS
PORTUGUEZAS

O ALGARVE

QUEM não ouviu falar, sequer com saudade e entusiasmos d'esse lindo *Al-Gharb*, última provincia arrancada ao dominio dos infiéis, e onde ainda ha, aqui e além, velhas lendas mouriscas?

O Algarve, tão cheio de luz e colorido, a boa *terra fertil* dos arabes, batido ás vezes pelo levante, restos do *sí-moun* do Deserto, tem sempre disputado ao Minho a supremacia da beleza, na disputa eterna dos olhos azues e dos olhos negros.

Se lá fordes um dia na transição ao monotono Alentejo para a provincia do sul, sua visinha, sentireis quasi que imediatamente um deslumbramento da paisagem, typica como nenhuma outra, tocada pelo encanto dos figueiras baixos e das amendoeiras cobrindo de branco campos interminaveis onde a vista mergulha n'um doce enleio. Tomae em Portimão uma carrinha, especie de *char-à-banc* de duas rodas e um só cavallo, systema ligeiro de condução só ali e em Hespanha usado. Passae a ponte de Por-

timão sobre o Arade, e admirareis um dos mais belos panoramas de todo o paiz. O rio, tranqüilo e cheio de sol abre-se á esquerda, em curvas caprichosas, entre fortalezas e areas, banhando Portimão e a pequenina Ferragudo que lhe fica franteira e onde o genio bisarro do meu illustre conterraneo Coelho de Carvalho vae a meudo repouzar n'um antigo Castelo por ele transformado em moradia. Mais além, para a direita, Mexilhoeira Grande, e uma serie interminavel de fabricas de conservas que ocupa a actividade de grande parte do operariado Algarvio. Ide a Monchique, a Cintra do Sul, afamada pelas suas themas, perdida na montanha entre arvoredo, alegre pela simphonia dos riachos. Ali, ga-

paiz em belezas naturaes. Passareis ali noites deliciosas que vos lembrarão formosas paragens tropicaes.

Dae-vos ao cuidado de ir ao Alvôr, a antiga vila de pescadores onde morreu envenenado, D. João I, que sonhava, solitario, mais além, na grandiosa empreza.

Visitae tambem Faro, que não deixareis de admirar. Lá nasceu, pormenor curioso, a padeira de Aljubarrota.

Não esqueçaes Silves, a velha cidade, pomo de discordia entre mouros e christãos; nos seus campos se feriram formidaveis batalhas, e a tradição aponta ainda um pégo da ria onde se afogou, ao fugir, um rei arabe.

O velho castelo dos Mouros, lá está, rindo do tempo, mas abandonado, ser-



FARO
VISTA GERAL DA CIDADE.

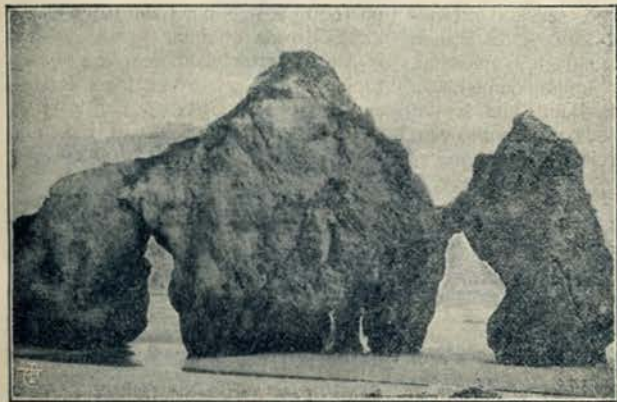
vindo de cadeia; é curioso vel-o ao pôr do sol, quando uma poeira dourada ainda envolve os campos, ou ao luar, ao belo luar do Algarve, que prateia os rios e ilumina velhas ruinas onde dormem um somno d'encanto lindas princezas d'outras eras.

E por toda a parte encontrareis encanto e poesia, lenda e sonho, céu azul, clima doce e a alegria do filho do sul. Olhae bem as moças de tez morena e talvez encontrreis tambem o perdido typo da mulher arabe, cujos traços, de raça não cruzada persistiram.

Voltareis encantados, e asseguro-vos que só tereis um momento de tristeza, e esse será o da partida por tarde de calma, quando o silencio fôr quebrado pelo silvo barbaro da locomotiva annunciando a partida.

Tomar-vos-ha a saudade e na primeira occasião haveis de voltar ao lindo sul.

MARQUES PEREIRA



PRAIA DA ROCHA — OS TRES URSOS

ranto-vos que ficareis com uma impressão agradável. Mas voltae a Lagos com a sua bahia formosa e serena; Ide até ao Cabo de S. Vicente, visitae Sagres, onde vos tomarão as recordações da epopeia maritima do Infante D. Henrique. Foi d'ali que partiram os primeiros navegadores, em pequenos barcos, audazes e arrojados á descoberta e conquista de terras de Africa.

O litoral, é orlado de pequenas aldeias, e praias d'aspecto singular, de grandes e exquintos rochedos. A praia da Rocha, perto de Portimão, é a mais linda do

O PRIMEIRO NUMERO DA NOSSA REVISTA

CAUSOU a melhor impressão no nosso meio turístico e comercial o aparecimento da nossa revista. Quasi toda a imprensa do país lhe fez os mais rasgados elogios o que nos veio lisongear sobremaneira.

Nunca, na mais radiosa phantasia, podemos conceber o excelente acolhimento que a nossa revista teve.

Varias entidades de destaque, nos manifestaram a sua satisfação e a sua homenagem á nossa desprezenciosa obra.

D'elas destacaremos um periodo de uma penhorante carta que nos enviou o illustre e digno director da Repartição de Turismo, sr. Dr. José de Athayde :

Não pôde esta Repartição deixar de felicitar V... pelo seu valioso empreendimento que vem preencher uma das muitas lacunas do nosso meio turístico, visto consistir uma publicação exclusivamente de turismo e só de turismo e para o turismo vivendo.

Ozalá V... seja tão feliz nos numeros que se seguem como foi no primeiro numero da sua revista, que se apresenta de optimo aspecto, elegante, e muito bem cuidada na parte litteraria e artistica, e que por isso tudo bem merece o acolhimento e a protecção do publico.

Não permite o exiguo espaço de que dispomos publicar na integra tão precioso e lisongeiro documento, assim como as palavras de louvor que a imprensa diaria e periodica nos dirigiu.

Não é possível mesmo dar uma nota concreta dos nomes dos dignos colegas que se referiram á nossa revista, mas citaremos alguns que por acaso temos sobre a meza.

São eles :

A Nação, Jornal do Comercio e das Colonias, Comercio do Porto, Diario de Notícias, A Lucia, A Capital, O Dia, Opinião, Semana Alcobacense, Noticias de Alcobaca, Jornal de Abrantes, O Jornal de Felgueiras, Jornal d'Albergaria, Flôr do Tamega, Correio de Arganil, A União de Lafões, Correspondencia da Covilhã, Os Ridiculos, de Lisboa, etc.

Para eles, para o digno director da Repartição do Turismo, e para todas as pessoas que nos enviaram as suas felicitações o nosso mais profundo reconhecimento.

UM NOVO COMBOIO RAPIDO INTERNACIONAL

COMEÇA hoje a circular um novo comboio rapido internacional de Lisboa a Paris, fazendo o trajecto em 46 horas, o que é importante nas actuaes circumstancias, que o unico comboio que circulava fazia o percurso em 57 horas, poupando-se agora portanto 11 horas, o que equivale a dizer uma noite.

Assim partir-se-ha de Lisboa ás 8,30 da manhã, no rapido do Porto para se passar ao meio dia na Pampilhosa para um comboio expresso que dará ligação para os rapidos do Norte Hespanha, chegando a Paris pelas 6,45 do 3.º dia.

Este comboio representa um grandioso melhoramento para as nossas relações internacionaes, que assim terão um novo incentivo. E ainda vem acabar com uma imensa vergonha para a nossa terra, que era esse comboio mixto da Beira Alta que fazia o trajecto de Pampilhosa a Vilar Formoso, 202 kilometros, em cerca de 12 horas, ou seja uma marcha comercial de 17 kilometros!...

Não sendo no entanto culpada a Companhia da Beira Alta pois não tinha necessidade de o fazer mais acelerado devido ao comboio hespanhol partir só de Fuentes de Onoro ás 17,25.

Este serviço vem trazer grandes sacrificios á Companhia da Beira Alta, pois o novo comboio tem uma marcha ainda mais apertada que o *Sud-Express*, mas estamos certos que os seus sacrificios serão compensados, devido ao grande melhoramento a que o publico ha de saber corresponder.

O novo serviço será feito com as magnificas e modernas carruagens da Beira Alta, providas de todo o conforto, o que equivale a dizer que será um serviço completo.

Mas não é só o serviço internacional que ganha com este grande melhoramento, é tambem o nacional, pois poder-se-ha ir rapidamente a qualquer ponto da Beira Alta sem a perda de uma noite o que muito vem favorecer o comercio e o turismo.

EXPEDIENTE

Consideramos assinantes todas as pessoas a quem é enviado este numero, e não o devolverem.

— Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras litterarias que digam respeito ao engrandecimento do país.

CONSULTAS

...Sr. Redactor principal. — De-sejo ir com minha mulher e minha filha (12 anos) fazer uma temporada a Vidago, desejamos parar em Payalvo, Coimbra, Pampilhosa, Aveiro, Furdouro, Espinho, Porto, Penafiel e Vila Real, pois queremos aproveitar a passagem n'essas terras, para n'elas nos determos e admirar alguma cousa de interessantes que elas tenham.

Devemos comprar bilhete de banhos ou de excursão?

Lisboa, 12-VII-916.

A. S.

Nem uma cousa nem outra, o bilhete de excursão, muito economico e comodo, só serve para viagens circulares e a que pretendê fazer á directa; o bilhete de banhos ainda peor; sendo ele sobrecarregado com a sobretaxa nos comboios rapidos, e a senha de paragem (20 centavos) ficar-lhe-ha mais caro que o bilhete ordinario. Parece incrível mas é verdade.

Tome pois bilhete de tarifa geral para as terras onde se quizer deter, e no Porto compre então bilhete de banhos para Vidago, que lhe permite parar onde quizer sem senha de paragem, apenas apresentando o bilhete na bilheteira quando se quizer deter, para carimbar.

...Sr. Redactor. — Pretendo ir a Paris tratar de um negocio, qual o melhor trajecto?

E' preciso passaporte?

Lisboa, 15-VII-916.

J. R.

Se pretende ir directamente com economia de tempo, sirva-se do comboio das 8,30 da manhã que hoje começa a ligar com Paris por Salamanca (conforme n'outro local dizemos), e se pretende visitar Madrid em negocio ou passeio, então sirva-se do rapido de Madrid, (segundas quartas e sabados) por onde, como por Salamanca ha bilhetes de ida e volta.

Aquele tem a vantagem de ser mais rapido e este o de ser mais interessante o seu trajecto.

Passaporte, indispensavel, visado no consulado de França.

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.